



INFLAÇÃO	IPCA do IBGE (em %)
Junho/2008	0,74
Julho/2008	0,53
Agosto/2008	0,28
Setembro/2008	0,26
Outubro/2008	0,45

# O fim de um CICLO

Antes do tombo deste trimestre, governo vai comemorar crescimento econômico de aproximadamente 6%

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**O** Palácio do Planalto recomendou a todos os ministros da área econômica que não se acanhem em "bombar" o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) referente ao terceiro trimestre do ano, que será divulgado hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O governo está consciente daque os números serão os últimos a mostrarem a economia crescendo a um ritmo próximo de 6%, puxada pelo emprego, pela renda e pelos investimentos, todos em forte processo de desaceleração por causa da crise econômica. O tombo, daqui por diante, será tão grande, avaliam os analistas, que as projeções apontam para retração do PIB no quarto trimestre deste ano e nos primeiros três meses de 2009. Se confirmada tal queda, tecnicamente, o Brasil estará em recessão e encerrando o maior ciclo de crescimento dos últimos 18 anos, segundo a economista Luíza Rodrigues, do Banco Santander.

A partir de agora, reconhece o Palácio, se o PIB crescer perto de 3% em meia um a mundo em recessão já será um feito e tanto. Para 2009, na média, o mercado está prevendo expansão de 2,5%, menos da metade do que se registrará ao longo deste ano — entre 5% e 5,5%. Em 2010, as estimativas mais otimistas apontam para avanço de 3,5%. "Os dados do terceiro trimestre marcam o brusco fim de um longo ciclo de crescimento. Uma queda do PIB no quarto trimestre (na comparação com o trimestre anterior) é praticamente certa, e não dá para esperar nada espetacular para o começo de 2009, com a deterioração anunciada do mercado de trabalho e da demanda internacional", afirmou Luíza.

Pelas suas contas, o PIB do terceiro trimestre deve ter avançado 1,5% em relação ao resultado de abril e junho e 6,13% frente ao mesmo período de 2007. "O resultado, se confirmado, deverá marcar o último de seis trimestres com crescimento acima do potencial do país (4,5%). Será uma boa notícia para a inflação. Mas a velocidade da desaceleração da atividade a partir de outubro impressiona", disse. Segundo Luíza, o resultado do terceiro trimestre se parece muito com o dos 12 trimestres anteriores. "A economia foi impulsionada pelo investimento, pelo consumo e pela produção. Com a crise, no entanto, um dos motores da economia falhou. O crédito ficou escasso e caro. E as expectativas se deterioraram e o desemprego aumentou", assinalou.

Na avaliação da economista, do lado da oferta, os dados da pesquisa mensal da indústria do IBGE sinalizam que o PIB industrial (27% do total) cresceu significativamente no terceiro trimestre. "Mas exatamente o setor que mais impulsionou a indústria neste período, o automobilístico, sofreu severamente com a crise de crédito em outubro e decretou férias coletivas em novembro", lembrou. "A crise de crédito também afetou o comércio (10% do PIB), que viu as vendas de bens duráveis cairem drasticamente", acrescentou. Do lado da demanda, são os investimentos os mais afetados. Tanto que muitas empresas suspenderam todos os projetos de expansão.

## Sofrimento

Para Aurélio Bicalho, economista do Banco Itaú, não há dúvidas de que a atividade econômica no Brasil



definitivamente mergulhou no terreno negativo. "E a retomada não será rápida, pois ainda há mais ajustes a serem feitos ao longo dos próximos meses. Por isso, estamos prevendo crescimento para o PIB de apenas 2% em 2009 e não será surpresa se ficar abaixo disso", afirmou. Ele destacou ainda que a economia deve ter crescido 5,8% entre julho e setembro ante igual período de 2007 e 1,3% frente ao segundo trimestre de 2008. Será como ver o país pelo retrovisor. "Até setembro, a atividade econômica estava lá no alto, crescendo a taxas elevadas. Mas o cenário mudou. Os canais de demanda estão obstruídos, tanto internamente quanto no exterior", ressaltou.

No entender de Bicalho, a economia passará nos próximos meses por um ajuste de estoques. No setor automobilístico, por exemplo, o acúmulo de veículos nos pátios das empresas já corresponde a 56 dias de vendas, contra uma média histórica em torno de 30 dias. Na indústria geral, a sondagem da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de novembro

mostrou que o desequilíbrio entre estoques excessivos e insuficientes estava no nível mais alto em cinco anos. "Ou seja, o salto da produção já foi dado. A preocupação, agora, é que o mergulho não seja tão fundo", enfatizou.

Segundo Vitorio Saddi, analista para a América Latina da Consultoria RGE Monitor, com sede em Nova York, não há como o Brasil escapar ileso da recessão que tomou conta das economias mais ricas do mundo e que deve perdurar até 2010. "Só veremos a retomada da atividade no Brasil recuperando o fôlego a partir do segundo semestre do próximo ano. O país realmente está muito melhor do que nas crises anteriores, mas terá que pagar o preço do terremoto que varreu o mundo. Se o Brasil crescer 3% em 2009, será um milagre", afirmou. "Os brasileiros devem se preparar para momentos difíceis, com desemprego em alta e renda em baixa. Uma forma de se aliviar isso seria a redução dos juros pelo Banco Central o mais rapidamente possível", emendou.

## MEIRELLES PRESSIONADO

Todo o governo está mobilizado para ouvir, amanhã, a informação de que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central reduziu a taxa básica de juros (Selic). Foi esse o recado que o presidente Lula deu ao presidente do BC, Henrique Meirelles, durante encontro no Palácio do Planalto na manhã de ontem. Lula e os demais ministros vêem no corte de juros o principal remédio que o governo pode aplicar na economia neste momento de crise para evitar um tombo monumental da produção e do consumo nos primeiros seis meses de 2009.

O argumento mais forte de Lula para pressionar por juros mais baixos — movimento que estimulou boatos sobre a demissão de Meirelles e do diretor de Política Econômica do BC, Mário Mesquita — é a queda da inflação. Na sexta-feira passada, foi divulgado que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechou novembro em 0,3% ante uma expectativa do mercado de 0,5%. Ontem, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) destacou que o Índice Geral de Preços — Disponibilidade Interna (IGP-DI) do mês passado desabou para 0,07%, revelando que a alta do dólar ainda não chegou à economia.

Antecipando-se ao BC, é possível que a Caixa Econômica Federal anuncie hoje cortes nos juros cobrados de empresas e consumidores. A queda foi uma ordem explícita de Lula à presidente da instituição, Maria Fernanda Ramos Coelho. (VN e Daniel Pereira)